

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

AQUISIÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) POR ALUNO

SURDO: alfabetizando com o gênero textual história em quadrinhos (HQ)

ANA PAULA SILVA DO CARMO¹ - UFAL

anapaulasc@hotmail.com

ABDIZIA MARIA ALVES BARROS² - UFAL

abdizia@hotmail.com

RESUMO:

Este trabalho visa apresentar uma possível metodologia de ensino para alfabetizar criança surda, filha de pais ouvintes, em escola de educação básica, através do gênero textual história em quadrinhos – HQ para aquisição da língua brasileira de sinais – LIBRAS, aplicando o conteúdo sinalizado em uma situação contextualizada. Visto que, o gênero textual HQ, irá proporcionar ao professor uma estrutura linguística bastante rica por ser imagética. Esta é uma pesquisa-ação, descritiva, exploratória e de revisão bibliográfica e análise documental. Para tanto, esta pesquisa, que tem caráter qualitativo, será baseada em estudos de autores como Lins (2012), Basso (2003), Soares (2003), Quadros (1997), Honora (2014), Goldfeld (2002), entre outros pensadores que tratem de trabalhos pertinentes ao assunto. O resultado desta pesquisa foi positivo, em virtude de a aluna atingir os objetivos propostos na alfabetização, portanto, a HQ apresenta as características necessárias para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVES: Metodologia. História em Quadrinhos. LIBRAS. Alfabetização.

1 INTRODUÇÃO

A educação dos surdos tem sido tema de grandes discussões entre estudiosos e a própria comunidade surda, em especial a questão da alfabetização de criança surda filha de pais ouvintes e que não tem acesso nem a língua portuguesa, pelo fato de não poder ouvir e, tampouco, a língua de sinais, pois neste caso os pais sempre fazem tentativas por meio da medicina para que a criança

¹ Especialista em Estratégias Didáticas para o Ensino Básico com uso das Tics pela Unidade Acadêmica Centro de Educação – CEDU/UFAL

² Professora doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP (2013). Professora Adjunta da Universidade Federal de Alagoas. Unidade Acadêmica Centro de Educação - CEDU.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

possa ouvir. Sabemos que alfabetizar uma criança requer do professor dedicação, dinâmica entre outros esforços para alfabetizá-la. Com uma criança surda o processo não é tão diferente, pelo contrário, exige ainda mais do professor, pois ele precisará alfabetizar a criança antes na língua de sinais como primeira língua (L1), para depois alfabetizá-la na língua portuguesa como segunda língua (L2), na modalidade escrita. E o quanto mais cedo o surdo adquirir a língua de sinais ele se desenvolverá cognitivamente e socialmente, diferentemente do surdo que a alfabetização ocorrer tardiamente.

Esta pesquisa partiu da seguinte indagação: É possível alfabetizar aluna surda, filha de pais ouvintes, a partir do uso do gênero textual HQ? Concomitante a hipótese de que é possível que o processo ensino-aprendizagem seja feito por profissionais pedagogos e que tenham domínio da língua de sinais, pois quando o profissional está inserido na comunidade surda, compreende melhor as características linguísticas da LIBRAS. Logo, o gênero textual HQ irá proporcionar ao professor uma estrutura linguística bastante rica por ser imagética. Para responder a nossa hipótese/problemática definimos como objetivo geral compreender a importância do uso do gênero textual HQs como uma possível metodologia de ensino para crianças surdas em sala de aula do ensino fundamental – anos iniciais, como possibilidade de aquisição da LIBRAS, contribuindo, assim, para o processo de ensino-aprendizagem. E como objetivos específicos usar o gênero textual HQ para aquisição da LIBRAS por criança surda filha de pais ouvintes; aplicar o conteúdo sinalizando, a partir do alfabeto manual, para aquisição da LIBRAS e criar um contexto para aplicação do conteúdo no formato em HQ.

O surdo adquire experiências diante daquilo que vê, por isso tem visão de mundo bastante diferente da nossa, que somos ouvintes. Desta forma, tem sua própria cultura, a cultura surda. Assim, buscamos na HQ os meios necessários para a promoção cognitiva para alfabetizar a criança surda na LIBRAS. Assim, ao usar os sinais como instrumento de comunicação, o surdo vai se constituindo um ser social, pois o surdo tem sua particularidade e, conseqüentemente, a LIBRAS exercerá sua

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

função social, a comunicação. Buscando, desse modo, desenvolver práticas pedagógicas de alfabetização de crianças surdas como uma possível alternativa para aquisição linguística da LIBRAS por meio das TIC's, pois, como afirma Lins (2012, p. 2, apud BASSO, 2003, p. 120), “[...] mais que alfabetização propriamente dita e restrita aos processos de codificação/decodificação de símbolos sonoros e gráficos, as TICs têm sido consideradas co-responsáveis pela elevação dos níveis de letramento [...]”.

Diante a esta apresentação, além dos autores já citados, a pesquisa tem na revisão bibliográfica um amparo teórico fundamentado na linguística funcionalista e sociointeracionista e de estudiosos que se dedicam esmiuçar a educação de surdos, bem como aqueles voltados a estudos do gênero HQ, da aquisição da LIBRAS – L1, do uso de computadores, dispositivos móveis e softwares para produção das HQ, da educação da criança surda em processo de alfabetização em escola de ensino regular, cujo intuito é dar visibilidade à LIBRAS e o significado de mundo ao sujeito surdo, além da comunidade usuária da língua, como aos demais públicos que tenham interesse em conhecer e aprender essa língua.

Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa-ação, descritiva, exploratória e de revisão bibliográfica originada de livros, anais, revistas eletrônicas e análise documental com intuito de analisar outros estudos que abordem acerca do tema deste projeto. Para tanto, esta pesquisa, que tem caráter qualitativo, será baseada em estudos de autores como Lins (2012), Basso (2003), Soares (2003), Quadros (1997), Honora (2014), Goldfeld (2002), entre outros pensadores que tratem de trabalhos pertinentes ao assunto. Todavia, destacamos que registros de outros autores tendem a aumentar na medida em que a leitura vier sendo desenvolvida.

2 2 APONTANDO CAMINHOS

2.1 A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NA VIDA HUMANA

Para alguns estudiosos “é a posse da linguagem” que distingue o homem

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

dos demais animais, pois é através da linguagem que o homem consegue expressar seus sentimentos, suas emoções, e que isso só é possível quando possuímos ou usamos alguma língua natural específica. (LYONS, 2009, p. 2).

O autor, ainda, diz que a “palavra língua(gem) aplica-se não apenas ao inglês, malaio, suaíli etc – ou seja, ao que todos concordariam em chamar adequadamente de línguas – mas a uma série de outros sistemas de comunicação, notação ou cálculo, sobre o qual se possa discutir.” (LYONS, 2009, p. 2). Visto que nessas e em outras línguas, a palavra língua e linguagem (language) tem o mesmo significado. Um ótimo exemplo que diferencia a língua da linguagem é que esta possui formas específicas de ser expressa como a ‘linguagem corporal’ que podemos perceber no teatro, ‘linguagem de sinalização’, perceptível e usada no trânsito, enquanto que aquela é um conjunto de regras padronizadas de cada país.

A maioria dos autores adotou a visão de que as línguas são sistemas de símbolos projetados para a comunicação (LYONS, 2009, p. 6), ou seja, a língua é um conjunto de código que usa a palavra como elemento principal para a interação social, seja ela oral ou escrita. A língua de sinais é um meio de comunicação utilizada pelos usuários da comunidade surda. Contudo, vale ressaltar que as línguas de sinais não são universais, portanto todos os surdos não falam a mesma língua de sinais. Assim como nas línguas orais, as línguas de sinais também têm sua própria língua, ou seja, cada país tem sua língua de sinais, como: Estados Unidos – ASL, França – LSF e Brasil – LSB ou LIBRAS, entre outras.

Até um tempo atrás as línguas de sinais não eram consideradas línguas, pelo contrário, eram vistas como gestos ou mímicas. Conforme estudos, Gesser afirma que “a língua de sinais dos surdos é língua natural, pois evoluiu como parte de um grupo cultural do povo surdo.” (GESSER, 2009, p. 12). O que implica dizer que, a língua de sinais não é uma linguagem como ouvimos e lemos muitas vezes, até mesmo de pessoas ou estabelecimentos ligados a educação.

A língua de sinais é composta por gramática própria e uma estrutura linguística inerente às línguas de sinais. Visto que ela possui cinco parâmetros.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Esses parâmetros estão explícitos em Gesser “ao descrever os níveis fonológicos e morfológicos da língua americana de sinais (ASL daqui por diante), Stokoe apontou três parâmetros que constituem os sinais e nomeou-os: configuração de mão (CM); ponto de articulação (PA) ou locação (L), [...] e movimento (M).” (GESSER, 2009, p.14).

Detalhadamente, os parâmetros são: a configuração de mão (CM) – as formas feitas com as mãos para efetuar a sinalização; o ponto de articulação (PA) ou a locação (L) – local onde se concentra a mão configurada, podendo ser em alguma parte do corpo ou no espaço neutro; a orientação (O) – direção da palma da mão; o movimento (M) – modo como a(s) mão(s) se movimenta(m), podendo ser circular, linear entre outras formas; e a expressão facial e corporal ou expressões não manuais (ENM) – são as expressões e movimentos feitos com a cabeça para indicar sim ou não, com a face para expressar tristeza, alegria, susto, com os olhos, a boca entre outros. (GESSER, 2009, p.17).

De acordo com algumas pesquisas acerca da história em quadrinhos, que teve como fundamento os escritos no período pré-histórico nas cavernas, registros marcados por imagens e marcas de mãos, originando-se, assim, uma sequência de imagens que transmitia signos linguísticos e culturais da época (RAHDE, 1996, p. 103). Bem sabemos que a HQ é uma sequência de imagens que pretende externar alguma informação sobre determinado assunto ou circunstância, nesta condição, as imagens retratadas pelos povos antigos, eram expressas nas paredes das cavernas com intuito de registrar as características da vida primitiva, bem como, transmitir alguma situação vivenciada por eles.

Segundo Luyten (1985) apud Rahde (1996, p. 104), história em quadrinhos “são formadas por dois códigos de signos gráficos: a imagem e a linguagem escrita’, numa sequência narrativa contínua.”. Mas, a autora destaca um terceiro elemento gráfico nas HQ atuais, que são os balões, os quais manifestam a fala e/ou pensamento dos personagens, enfatizando, ainda mais, essa elocução. Com o passar do tempo, a HQ foi sendo adaptada, em que sua ilustração foi ganhando

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

textos inseridos nesses balões, de forma impressa, o que era feito frequentemente pelos jornais como “veículo de comunicação em massa” (RAHDE, 1996, p. 106).

A autora explica que:

Nesta perspectiva, a história em quadrinhos começou a ultrapassar o espaço do divertimento de massa para, a partir daí, influenciar os leitores em esferas psicológicas e sociais, porque era uma forma de leitura alternativa. Nascia uma literatura de comunicação visual da cultura de massa. Estudos e avaliações da história em quadrinhos indicaram que o novo meio, que então surgia, possuía e ainda possui um efeito positivo para a educação da leitura e da cultura da imagem. (RAHDE, 1996, p. 106).

De fato, a HQ favorece o aprendizado tanto da leitura quanto da escrita de alunos ouvintes, do mesmo modo que propicia a aquisição da língua de sinais para aluno surdo em fase de alfabetização, proporcionando o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Conforme afirma o autor, a língua: “[...] é tomada como uma atividade sociointerativa desenvolvida em contextos comunicativos historicamente situados” (MARCUSCHI, 2008, p. 61). Sumariamente, a língua é tudo que envolve contextos do nosso cotidiano, portanto, são as experiências conversacionais e comunicacionais que ocorrem de forma recíproca entre indivíduos sociais. Aliado a este entendimento, é que a HQ contribui para o ensino e aprendizagem da LS por apresentar práticas linguísticas sociais cognitivas, flexíveis, criativas quanto à informação ou estrutura (MARCUSCHI, 2008, p. 61).

Ainda de acordo com Marcuschi (2008)

O texto acha-se construído na perspectiva da enunciação. E os processos enunciativos não são simples nem obedecem a regras fixas. Na visão que aqui se está propondo, denominada sociointerativa, um dos aspectos centrais no processo interlocutivo é a relação dos indivíduos entre si e com a situação discursiva. (MARCUSCHI, 2008, p. 77)

Com isto, podemos afirmar que o gênero HQ fornece subsídios, interagindo, assim, socialmente com o indivíduo e a língua. Neste caso, a LS, pois as imagens expressam, para o surdo, particularidades próprias para a aquisição da Libras. Marcuschi (2008, p. 88) declara que: “O nicho significativo do texto (e da própria

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

língua) é a cultura, a história e a sociedade.” Desta forma, a Libras abraça o gênero HQ de maneira ampla, uma vez que a HQ insere a cultura e, historicamente, a sociedade linguística da comunidade surda, proporcionando a realização aquisitiva da língua, bem como o desenvolvimento comunicativo do aluno surdo em fase de alfabetização, dando-lhe sentido ao contexto ao seu redor.

Dado que podemos tratar fatos reais, criando situações reais em que o aluno surdo irá fazer um paralelo de sua experiência diária com o que está vivenciando na sala de aula. Desta feita, ele vai construindo e ampliando seu léxico, estruturando o diálogo, desenvolvendo a comunicação de modo natural, compreendendo e fazendo-se compreender cultural e socialmente.

Os gêneros textuais fomentam a comunicação verbal para a aprendizagem cujo objetivo específico é realizar “situações sociais particulares” (MARCUSCHI, 2008, p.154). Ainda nos detemos em Marcuschi (2008) que motiva essa temática na prática, ele aponta que:

“os falantes dispõem de um conhecimento específico sobre estruturas textuais globais que lhes possibilita determinar um certo texto como membro de uma classe geral. Isso quer dizer que os falantes têm uma ideia bastante clara das estratégias de produção de uma narrativa, de um comentário etc.” (MARCUSCHI, 2008, p. 187 apud HEINEMAN&VIEHWEGER (1991;110)).

Esta afirmação feita pelo autor remonta aos falantes de uma determinada língua, neste caso falantes ouvintes. Contudo, essa afirmação não cabe à criança surda filha de pais ouvinte, pois esta criança ainda não tem um repertório lexical que a permita comunicar-se com clareza, ou até mesmo dar sentido ao que está ao seu redor, já que, por conta da surdez há uma grande perda em seu desenvolvimento comunicacional e interativo a partir da relação familiar, ocorrendo o que o autor fala que o conhecimento é intuitivo, ele expressa que “[...] opera com muita precisão em todas as situações diárias e permite que expressemos juízos de valor quanto à adequação dos textos produzidos” (MARCUSCHI, 2008, p. 187).

3 RELATO DA EXPERIÊNCIA

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

3.1 LOCUS DA PESQUISA

Esta pesquisa ocorreu em uma escola particular que oferece aos alunos a seguinte caracterização: 19 salas de aulas, 03 salas com lousa digital, sala 3D, sala de matrícula, diretoria, biblioteca, secretaria escolar, tesouraria, sala de professores, sala para coordenação, orientação educacional, quadra poliesportiva, sala de *jiu-jitsu*, sala de balé, pátio coberto, lanchonete, espaço verde, parque infantil e muito espaço para favorecer o desenvolvimento das diversas atividades realizadas na escola.

A escola busca atender a todos os tipos de alunos, assim como as necessidades desses alunos, ou seja, além de alunos ouvintes e dos que não necessitam de atendimento educacional especializado, a escola atende alunos surdos, bem como alunos com transtorno do espectro autista - TEA, com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade – TDAH, cadeirantes, entre outras especificidades, para tanto, a escola contrata estagiárias para assistir a esses alunos, auxiliando aos docentes regentes.

3.2 – VIVENCIANDO O CONTEXTO DA PESQUISA

A experiência relatada foi desenvolvida junto a uma aluna surda no contexto de uma sala de aula em que se ofertava atividades para a aquisição da LIBRAS e comunicacional entre a mediadora, a professora regente, os colegas de turma bem como alguns profissionais da escola.

A aluna apresentava-se bastante acanhada, com pouco ou quase nenhum contato com as pessoas supracitadas, agindo apenas por imitação, ou seja, observava o que os colegas faziam para poder executar a ação ou quando a professora e/ou mediadora a direcionavam. Um bom exemplo disso era a falta de iniciativa, isto é, não saía da sala sozinha para ir ao banheiro ou beber água como faziam as demais crianças. E quando sentia vontade de ir a um desses locais fazia gestos para indicar qual necessidade tinha no momento, não fazendo uso dos sinais próprios em LIBRAS para banheiro e beber água.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

Apenas com conhecimento lexical como o sinal de mãe e algumas letras do alfabeto manual, e o trabalho feito em sala com ela era apenas de transcrição, pois a professora, não tinha noção de LIBRAS, copiava as respostas em letra bastão no livro e a aluna copiava aleatoriamente letra por letra logo abaixo não seguindo a ordem das palavras.

A partir dessas observações, foram introduzidos os sinais lexicais para que a aluna passasse a compreender e dar sentido ao que estava acontecendo ao seu redor através da HQ. A princípio, a aquisição do alfabeto manual foi o foco de ensino, em virtude de a maioria das atividades serem escritas, para que a aluna fixasse bem as letras do alfabeto e as configurações de mão executadas datilologicamente. Concomitante ao alfabeto manual, foram inseridos sinais das imagens contidas na HQ, que poderiam ser de algum animal, algum ambiente, algum objeto entre outros a depender do contexto trabalhado.

Dentro da HQ buscamos trabalhar sinais no contexto escolar paralelamente a outros do dia a dia. Dando ênfase ao alfabeto manual para desenvolvimento tanto da escrita como para compreensão do nome de objetos, de pessoas e de animais, entre outros que se fizessem necessários. Semelhantemente a isso, para que o ambiente se tornasse mais familiar para ela, cada componente (alunos da turma, professora da sala, coordenadoras, diretora e pessoal de apoio) recebeu um sinal para que a aluna surda pudesse identificá-los. A partir daí ela apresentou determinada independência no ambiente, tomando algumas iniciativas como pedir para ir ao banheiro e ir beber água sozinha e algumas vezes acompanhada com algum/a colega.

Ela sinalizava, repetidamente, alguns sinais quando identificava no ambiente escolar algo que lhe chamava a atenção e/ou quando os reconhecia, demonstrando apropriação da língua de sinais. Em consequência do sinal recebido pelos componentes da escola, ela passou a interagir com os colegas e demais funcionários, em especial quando os amiguinhos da turma aproximavam-se dela para pedir-lhe algo emprestado, perguntando para mediadora como era a

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

sinalização de determinado objeto, a exemplo, uma lapiseira ou borracha e, ela atentamente, como quem já sabia o que eles queriam, observava aguardando a comunicação entre ambos, acontecimento que podia ser visto claramente em sua expressão facial. Essa constatação pôde ser visível tanto na aluna surda, como, também, nos colegas da sala, que passaram a se interessarem em aprender a LIBRAS para poderem se comunicar com ela.

Todos participavam de forma espontânea e satisfatória quando iniciávamos o aprendizado de alguns sinais. Isso acontecia de forma prática, ou seja, eram demonstrados por meio da sinalização e da oralização de verbos como: gostar, amar, brincar, dançar, cantar entre outras classes de palavras e cumprimentos como “bom dia” e “oi” que os ajudassem a comunicar-se com ela e todos eram chamados e tinham que formar uma frase e apresentar na frente da turma, inclusive ela participava sem receio. Com isso, eles questionavam como poderiam dizer em LIBRAS: eu gosto de você; eu quero brincar com você; gosto dos meus brinquedos; eu amo meus pais ou eu amo minha família, entre tantas outras frases.

Após os colegas aprenderem alguns sinais básicos, eles também passaram a interagir mais com ela, chamando-a para brincar, abraçando-a carinhosamente, em especial ao chegar à sala de aula e durante a hora de irem para o recreio, chamando-a para ficar perto deles na fila.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que o ensino para pessoas surdas em escola de educação básica, por mais que as escolas acolham pessoas com necessidades especiais em seu quadro de alunado, ainda está longe de alcançar os objetivos para uma educação satisfatória para a pessoa surda, sobretudo quando esta se encontra em fase de alfabetização e sem conhecimento da língua de sinais a qual pertence à cultura surda. Embora a escola despenda esforço no processo ensino e aprendizagem de alunos surdos, quando contrata um profissional da área de LIBRAS seja ele um intérprete ou uma pedagoga, ela precisa incluir no currículo

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

escolar a disciplina de LIBRAS para que o processo atinja as bases curriculares para alunos surdos, assim como ocorre para os alunos ouvintes, que é maioria.

É notório que a maioria dos professores não elabora materiais ou faz planejamento que atendam às necessidades cognitivas, informacionais e comunicacionais de aluno surdo, considerando que suas formações acadêmicas não os formam para atuar nessa área específica. Contudo, o surdo só atinge essas necessidades por meio de um intérprete – isso quando o aluno já sabe LIBRAS, mesmo não sendo fluente – o que não é suficiente, pois ainda, assim, não acontece uma comunicação direta entre o aluno surdo e o professor da sala, relação importante para interação durante o ensino e a aprendizagem, o que pode acarretar certo distanciamento e a desvalorização das capacidades entre e de ambos.

O papel do professor é abraçar, atender a todos os alunos de acordo com a capacidade e especificidade de cada um deles. Com vistas ao aluno surdo, é imprescindível o conhecimento da língua de sinais, de modo que isso o fará pensar como o surdo aprende, propiciando o ambiente para todos os alunos ao mesmo tempo por meio de estratégias que vislumbrem o olhar de todos no processo.

Assim sendo, o professor dará ênfase ao uso das TICs “no contexto escolar destes sujeitos e suas vinculações com a comunicação, as práticas de alfabetização e letramento e o processo emancipatório destas pessoas” (BASSO, 2003, p.115).

Mas, para a criança surda ser alfabetizada, temos que falar a sua língua. No entanto, quando essa criança não tem uma língua inserida, temos que inserir-lhe a que pertence a sua cultura, neste caso a LIBRAS. A HQ é um apoio ao professor que deseja diversificar as suas aulas e, como já comprovado em outros estudos, do mesmo modo que nesta experiência, a HQ atendeu às necessidades e especificidades, tanto da mediadora quanto da aluna, uma vez que o processo ensino-aprendizagem apresentou resultados positivos por parte da aluna, a qual adquiriu conhecimento da LIBRAS, passou a expressar-se espontaneamente fazendo as sinalizações devidas e demonstrando curiosidades dentro do ambiente escolar.

VII SEMANA INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

AS LUTAS DA PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: CIÊNCIA, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA.

29/11 a 05/12 de 2020 *ON-LINE*

Maceió - Alagoas - Brasil

Universidade Federal de Alagoas

Centro de Educação



ISSN1981 - 3031

REFERÊNCIAS

BASSO, I. M. S. **Mídia e Educação de Surdos: transformações reais ou uma nova utopia?** Ponto de vista, Florianópolis, n.05, p. 113-128, 2003.

GESSER, Audrei. **LIBRAS?: Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.**São Paulo: Párbola Editorial, 2009.

GOLDFELD, Marcia. **A Criança Surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** 7ª.ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

HONORA, Márcia. **Inclusão Educacional de Alunos com Surdez: concepção e alfabetização: ensino fundamental I, 1º ciclo.** São Paulo: Cortez, 2014.

LINS, H. A. M. **TDICS e os Processos de Alfabetização e Letramento de Crianças Surdas e Ouvintes: formação de professores.** Anais do IX Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e VI Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online. Revista Texto Livre, 2012. Vol.1, n.1, p. 1-11.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão.** Párbola: Recife, 2008

_____. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade.** In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna; BEZERRA, Maria A. (Orgs.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

RAHDE, Maria B. **Origens e Evolução da História em Quadrinhos.** Revista FAMECOS, Porto Alegre. Nº 5, Nov/1996.

SALLES, Heloísa M. M. L. et al. **Da abordagem audiolingual à interacionista: em direção à comunicação.** In: Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2004.1 v.

SOARES, M. B. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas (mimeo).** 26ª. REUNIÃO ANUAL DA ANPED – GT Alfabetização, Leitura e Escrita, 2003. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.